



④

Comunicação apresentada ao
Congresso da Juventude Univer-
Fundação Cuidado e Educação, realizado em
Seabra nos dias 16, 17, 18 e 19 de
Abril de 1953 - por

Maria Helena de Teves Costa
(Licenciada em Filologia
Clássica).

O "Curriculum" Universitário e a Cultura Superior da
Mulher Cristã.



Surpreende, na verdade, que as Leis Orgânicas e os Regulamentos das Faculdades assim como o Estatuto Universitário não contenham um único artigo ou parágrafo tendente a moldar a estrutura da Universidade Portuguesa à presença que a mulher nela ocupa de facto (a não ser que se considere como providência nesse sentido o artigo 72º. (Decreto 18.310 de 10-5-1930) da Lei Orgânica da Faculdade de Medicina que se refere à instrução das parteiras no mesmo estabelecimento...).

Alguém disse, pois, com acerto, que a Universidade é uma instituição masculina onde a mulher tem entrada livre...

A inadequação da Universidade à mulher nota-se em tudo. Nota-se na organização dos horários e na ausência de instalações condignas que, tornando extraordinariamente difícil a vida da estudante conscienciosa, lhe abalam a saúde e o sistema nervoso. Nota-se também na falta ou pouco eficiente assistência médica prestada aos estudantes de ambos os sexos, mais grave em consequências para a mulher cuja fisiologia delicada se ressentia ao prestar provas de exame ou de licenciatura em tempo e condições impróprias quer para a conservação da saúde, quer para o êxito das provas. Uma médica em cada Faculdade, a quem a rapariga estudante se pudesse dirigir para alcançar um justificado adiamento das provas não seria um luxo. E digo médica, não médico, pelos motivos óbvios: ^{a rapariga} dirigir-se-ia a um médico somente em caso de doença, por absoluta necessidade; ora o que nos interessa, tanto para a defesa da saúde individual, como para o futuro da raça não só a terapêutica, mas sobretudo a profilaxia. Muitas estudantes serão esposas e mães. Haverá ousadia no desejo de que a orgânica

e as instalações universitárias se coadunem com a capacidade de resistência física da mulher ? Parece-me que não.

Por estas e outras razões, talvez tenha soado a hora de transformar a Universidade, de instituição masculina em instituição amplamente humana, atenta às necessidades dos estudantes de ambos os sexos. Importa que a Universidade dê conta da presença da mulher no seu seio. Mas como ?

Além da solução das dificuldades materiais acima referidas, dois caminhos, pelo menos, se abrem para conseguir esse desideratum: ou o da adequação do "currículum", tornando-o maleável e enriquecendo-o com disciplinas fêrmativas do pensamento feminino, ou o da criação de Universidades Femininas, como na América e em França, pelo menos, já se fez em certa medida.

Qual dos caminhos será o melhor ?

Francamente o ignoro e o facto de não me ter sido ainda enviada a documentação que espero da Universidade Feminina de Neuilly vem lançar mais um obstáculo para chegar a qualquer conclusão que o estudo desses documentos poderia sugerir.

Indêpendentemente, porém, de um plano definido, permita-se-me enunciar algumas ideias gerais sobre o assunto.

Adequar a Universidade à mulher, quer pela modificação do currículum das Faculdades da Universidade actual, quer pela criação de uma Universidade Feminina - nunca poderá consistir em tornar o currículum de uma ou de outra mais técnico ou, como alguns usam dizer, mais prático. Em primeiro lugar, porque, perdendo as características de instituição de alta cultura desinteressada, a Universidade deixa de ser o que é e, se defendêssemos essa tese em nome de uma mesquinha concepção de utilidade muito em voga, equivaleria a dizer que a Universidade conveniente para a mulher não é... Universidade. Em segundo lugar, não basta defender a tese de que a Universidade, feminina ou



não, deve ser instituição de alta cultura, sob pena de se negar a si própria. Devemos lembrar que à mulher, tanto como ao homem, convém uma formação filosófica, de ideias gerais, uma visão da vida e dos seres criados, sua natureza e fins, um conceito de Deus. Mais do que uma especialização científica, literária ou técnica que lhe pode ser facultada legitimamente mas que não é indispensável à sua missão feminina de mãe e de educadora - a mulher precisa de uma alta cultura que pode incluir essa especialização sem que, no entanto, a ela se deva limitar.

Ignoro em nome de que doutrina o mundo hodierno julga preparar suficientemente a mulher universitária para a sua missão de maternidade física ou espiritual com um nível cultural superior, oferecendo-lhe, como único meio de formação do pensamento, as fórmulas, cálculos e análises de uma Faculdade de Ciências ou de um Instituto Superior Técnico e as raízes e etimologias de algumas secções de uma Faculdade de Letras. Pergunto a mim mesma como foi possível durante tão largo tempo prescindirmos dessa síntese cultural cristã em que hoje tanto se fala e que a mulher, mais do que ninguém, necessita.

Os preconceitos contra a alta cultura desinteressada do homem são consequência do pragmatismo da nossa época, mas os preconceitos em relação a uma alta cultura feminina radicam muito mais longe. Quase inconscientemente, nas famílias e na sociedade, durante largo tempo, as actividades humanas foram distribuídas da seguinte forma: - os trabalhos manuais, para a mulher; - os trabalhos intellectuais, para o homem. Não se reparava em que o cozinheiro e o alfaiate também eram homens e, ao falar-se de "trabalhos femininos", entendia-se, sem controvérsia, que consistiam exclusivamente em tarefas manuais (cozinha, costura, bordados, etc.).

Não seríamos mais razoáveis admitindo que há trabalhos



manuais femininos e trabalhos manuais masculinos e que a actividade do pensamento é domínio comum do homem e da mulher, ambos seres racionais criados por Deus. ?

Compreende-se, no entanto, a dificuldade e a lentidão da luta contra esses preconceitos se lançarmos aos olhos, ainda que rapidamente, sobre o alimento que se lhes tem dado através dos séculos.

Visto que de cultura ocidental particularmente se trata, remontemos apenas à Grécia.

Aristóteles, no Cap. XV da Poética, escreve, a respeito dos caracteres da Tragédia:

"...há uma bondade da mulher e uma bondade do escravo, se bem que a mulher seja um ente inferior e o escravo geralmente abjecto".

Esta afirmação calma, que não sente necessidade de escudar-se em argumentos, prova-nos como era indiscutivelmente aceita no mundo antigo a maneira de um axioma.

Platão, no liv. V da República, (aliás - o que é curioso - com o propósito revolucionário de provar que a mulher tem as mesmas aptidões do que o homem), minimiza-a, dizendo:

"...tendo a natureza repartido as mesmas faculdades entre os dois sexos, todas as actividades pertencem em comum aos dois: sómente, em todas essas actividades, a mulher é inferior ao homem.

Para o filósofo, a diferença entre o homem e a mulher era de grau e não de natureza. E aí temos os dois mais célebres pensadores/gregos, cada um à sua maneira, a fornecerem elementos para legitimar o conceito da mulher que a sociedade, por rotina ou conveniência, formara e mantinha.

O cristianismo veio revolucionar a face do mundo mas não modificou de um momento para o outro os sentimentos do homem nem as tradições enraizadas pelos séculos.



O dogma cristão e a liturgia que o traduz afirmam a respeito da mulher as mais espantosas verdades que até hoje alguém proclamou. Identificando-a simbólicamente com a Igreja, desposada de Cristo, na liturgia do matrimónio; cultivando a virgindade como um valor positivo; prestando a Maria o culto de hiperdulia - restituíram à mulher a sua dignidade. A Encarnação aproximara-a de tal forma de Deus que, daí por diante, resultariam vãos todos os esforços para a lançar abaixo do seu pedestal. Todavia, ou porque essa dignificação incidisse sobretudo no aspecto moral, ou porque uma tradição multissecular não se extirpa sem dor e sem violência - o certo é que, não obstante o dogma e a liturgia, mesmo nos Padres da Igreja se pode encontrar uma tendência para minimizar a mulher.

Santo Ambrósio, por ex., na Epístola a Eusébio, defende com paternal carinho a mulher e com esse fim, paradoxalmente, diz:

"... porque te admiras de que tenha caído em pecado o sexo mais fraco se é certo que também delinuiu o mais forte ?

A mulher tem desculpa para o seu pecado, mas não o homem. Aquela segundo diz a Escritura, foi enganada pelo ser mais astuto de todos, pela serpente: tu foste-o pela mulher. Quer dizer, quem a enganou foi uma criatura superior; a tí, uma inferior.

S. Jerónimo, na Epístola CVII, a Leta, sobre a educação de sua filha, não obstante a admirável largueza e actualidade das suas concepções e métodos pedagógicos - parece limitar aos assuntos puramente religiosos a instrução da virgem consagrada e usar dessa instrução como panaceia moralizadora, mero instrumento de defesa, e não elemento positivo de valorização. Não esqueçamos, contudo, que é S. Jerónimo quem exprime em relação a mulheres como Paula, Eustóquio, Marcela e Principia, suas colaboradoras no apostolado, sentimentos da mais afectuosa deferência.



Fundação Cuidar o Futuro

Alguns ascetas medievais, por sua vez, identificaram a mulher com a fonte de todos os males, quase a personificação do demónio, e os poetas místicos medio-latinistas chegaram a extremos de crueza, atribuindo-lhe inferioridades animais com o ingénuo intuito de a tornarem repugnante ou enfadonha para a imaginação masculina.

Estes e outros factos vêm confirmar que, se não foi como cristãos, mas apesar de cristãos que os Padres da Igreja, os místicos e os poetas em certa medida depreciaram a mulher - essa atitude contraditória se explica pelas ideias preconcebidas e tradicionais. Deve acrescentar-se, no entanto, que tanto uns como outros verberam a mulher na medida em que ela é fonte de tentação e pecado, quase como um símbolo, sem deixarem de a glorificar em muitos outros passos. Tudo quanto se disser sobre o assunto deve, pois, acompanhar-se de restrições e cautelas, se não quisermos errar por superficiais e injustos.

O Renascimento exaltou a mulher pagã e eufóricamente, ou desmaterializou-a em excesso, reduzindo-a quase a um conceito, com o platonismo.

O Classicismo ridicularizou-a nas suas pretensões de cultura com Molière que caricaturou o que nessas pretensões era decerto caricaturável. Pouco tempo depois, reconhecia-se à mulher de preferência o dever e o direito de ser fútil, e Watteau historiou na tela um momento delicioso dessa futilidade, nos fins do século XVII e princípios do sec. XVIII francês.

O Romantismo quintessenciou-a sem a dignificar. Hipertrófiou a sua capacidade de sentir e, reduzindo-a à categoria de colibri ou de violeta, dispensou-a da obrigação de pensar visto bastar-lhe a beleza, a graça saltitante ou lânguida e o perfume...

Poderá objectar-se que a história reza de mulheres cul-



tas. É certo, ^{mas} essa meia dúzia foi culta por conquista ousada de uma personalidade original, não por direito incontestado e comum.

Hoje, passados vinte séculos sobre o "Fiat" da Virgem, ainda é discutido ou ignorado o dever feminino à vida do pensamento. Refiro-me agora especialmente ao dever, porque, embora o dever fundamente o direito, pugnar por este último pode dar às minhas palavras o colorido de certas reivindicações feministas, desprovidas de equilíbrio e de lucidez, vazias de espírito cristão e até, paradoxalmente, de feminilidade.

Para evitar equívocos, quisera exprimir-me com mais clareza pois que, se defendo o direito e o dever da mulher a conquistar uma alta cultura, não pretendo que essa cultura seja em tudo idêntica à do homem. Pelo contrário: se alguma razão me levou a escrever, foi justamente o desejo de lembrar a necessidade de uma diferenciação. Convém, no entanto que essa diferenciação não crie mais um obstáculo para o entendimento entre o homem e a mulher, mais um motivo de divórcio entre as suas almas.

Ignoro, como já disse, em que deva consistir concretamente essa diferenciação. Parece-me, todavia, que há-de consistir mais numa "atmosfera" própria para debater os problemas, numa atitude subjectiva, do que na diferenciação objectiva dos temas de estudo.

A ambos, homem e mulher, se oferece, para conhecer e dominar, o vasto campo do real e das ideias. Deveremos privar a mulher de alguma parcela desse campo, mutilando-a na sua valorização humana? Não. Convirá antes que ela o conheça e o domine, tanto e tão profundamente como o homem, mas com uma diferente atitude de espírito e usando de instrumentos e métodos de trabalho adequados à sua psicologia.

Para chegar a conclusões concretas será necessário par-



tir de um conceito da natureza e fins, próximos e últimos, da mulher e do homem, em que se determinem com justeza as recíprocas diferenças e correlativos meios de formação.

Alguns, para justificarem a educação da mulher em função do homem, na esteira de Rousseau e de outros, caracterizam-na como alterocêntrica e aquele como egocêntrico. O egocentrismo masculino, porém, na medida em que se identifica com o egoísmo, é uma situação de facto, mas não de direito... Em verdade, tanto este como aquela devem ser teocêntricos. Nem a mulher foi criada para o homem, nem o homem para a mulher, se neste para quisermos incluir não só um fim próximo de cooperação existencial, mas um destino último. Ambos foram criados para Deus.

Objectar-se-á que o egocentrismo masculino e o alterocentrismo feminino são psicológicos e não metafísicos e morais. Nesse caso, concedo - se bem que provisoriamente, como ponto de partida de um estudo ulterior sobre o assunto. No decorrer desse estudo, compreender-se-á porventura que a visão actual do problema é demasiado simplista e truncada. Não tenho a ousadia de o solucionar: - seria necessário construir pela raiz uma filosofia e uma psicologia... Demos tempo ao tempo.

No entanto, parto do princípio de que a mulher é uma pessoa cujo destino último reside em Deus e cuja valorização legítima se alcançará pela formação de um critério de julgamento e pela capacidade de aceitação plena de responsabilidade de existir e de se determinar nessa existência, esclarecida pela inteligência e pela graça.

Sejam quais forem os meios concretos para obter essa formação, uma finalidade menos elevada do que esta, minimiza-a; a menoridade perpétua, tal como nas épocas passadas se concebeu o ideal da vida feminina - não é verdadeiramente cristã, mas resíduo



de uma tradição multissecular, mantida, conscientemente ou não, por conveniências de vária natureza ou por deficiente formação e informação da mulher para assumir as suas responsabilidades.

Hoje, mais do que nunca, a vontade da Igreja, pela voz de Pio XII, se torna explícita a este respeito.

A Universidade tem um papel na formação da pessoa feminina. Como se desempenhará desse papel? Não sei. Tentei oferecer aqui um modesto contributo para esboçar as linhas gerais de um espírito universitário feminino e fundamentar a sua legitimidade; não ambicionei fixar desde já a letra de um curriculum que as condições de lugar e de tempo podem exigir diferente e que só pelo estudo aprofundado do problema se há-de concretizar.

Évora, 1 de Março de 1953

Fundação Cuidar o Futuro

M. Humberto de Aguiar

